
A antropologia da África: desafios para o século 21¹

Paul Nchoji Nkwi²

Tradução: Maria Macedo Barroso

Revisão Técnica: Carla Susana Alem Abrantes

O estudo da diversidade humana tem fascinado os pensadores sociais e levado o estudo biológico da humanidade à beira de praticamente afirmar a descoberta de Deus. Longe disso. O projeto Genoma Humano atesta apenas a busca constante de uma melhor compreensão sobre o que nós, humanos, somos. Como disciplina, a antropologia busca produzir conhecimentos e generalizações sobre todas as culturas e povos e, as culturas africanas não são exceção. A disciplina passou por mudanças significativas nas duas últimas décadas e está enfrentando diversos desafios.

Ela testemunhou um rápido aumento no número de antropólogos envolvidos em trabalhos de pesquisa transcultural sobre desenvolvimento, atuando como mediadores culturais e buscando integrar perspectivas e métodos antropológicos ao planejamento e implementação de projetos de desenvolvimento. O principal desafio agora é como manter esse perfil nos anos vindouros, estabelecendo um nicho profissional que reabilite uma disciplina que foi manchada pelo colonialismo.

Dada a natureza das transformações sociais em África, o discurso sobre a cultura e o desenvolvimento vai durar muitas décadas. Colonizado e dominado

1 Este artigo foi publicado originalmente como Introduction – The Anthropology of Africa: Challenges for the 21st Century. In: *Anthropology in Africa: Challenges for the 21st Century*. Bamenda, Camarões: Langaa Research & Publishing CIG, 2015.

2 Professor do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade de Yaoundé I, Camarões.

pelos culturas ocidentais, o processo do neocolonialismo continua hoje de várias maneiras. O sistema educacional permanece sendo basicamente ocidental, as visões que o presidem ainda são ocidentais e as percepções sobre desenvolvimento são ocidentais também. Todo o discurso sobre como a cultura e o desenvolvimento podem se tornar parceiros realça a noção de que as respostas ocidentais às necessidades biológicas podem ser substituídas por respostas africanas. Mas enquanto a África continuar a transformar socialmente seus jovens através de um processo educacional que não é africano, a emergência de um desenvolvimento nativo, ou de um desenvolvimento com rosto africano, ainda estará a décadas de distância.

Durante anos, todo o processo de mudança, ou o processo de mudança planejada conhecido como desenvolvimento, defendeu a compreensão dos fundamentos culturais das sociedades humanas que poderia levar a ações e políticas práticas. Uma análise diacrônica da cultura e do desenvolvimento demonstrou que as décadas de 1920 e 1930 foram dominadas por paradigmas e modelos funcionalistas que formataram o processo de desenvolvimento nas colônias onde as populações africanas e suas instituições sociais foram vistas como funcionalmente integradas e contribuindo à sua própria maneira para a reprodução social. Hoje, entretanto, o discurso olha para a cultura não como existindo sobre um vácuo, mas determinada pelas forças históricas que moldam a mudança planejada.

Em anos recentes, o pós-modernismo articulou uma noção de multivocalidade em que os *insights* culturais são vistos como fornecendo uma crítica dinâmica ao desenvolvimento e afastando o pensamento e a prática de modelos e dualidades sistêmicos. Nesses modelos, o tradicional era visto como oposto ao moderno, o formal ao informal e o desenvolvido ao subdesenvolvido (GARDNER; LEWIS, 1996, p. 19). O pós-modernismo capturou as mentes dos intelectuais africanos que falharam, entretanto, em compreender que a teoria antropológica e o relativismo cultural estavam anos à frente dos pós-modernistas de agora. O principal desafio enfrentado pelos antropólogos africanos é o de como trabalhar com outras disciplinas integrando suas teorias e práticas às reflexões antropológicas. A interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade e a multidisciplinaridade demandam uma maior compreensão dos desenvolvimentos teóricos de outras ciências sociais e de como trabalharmos juntos para encontrar soluções para os problemas humanos.

Os últimos 50 anos testemunharam uma mudança nas relações globais marcada pelo declínio do colonialismo, da Guerra Fria e pela necessidade do capitalismo de achar novos mercados. O conceito de mercados emergentes coloca a África no centro do palco dos processos globais. A globalização torna o mundo uma única aldeia global onde as drogas, os estilos da moda, os hábitos alimentares, as atitudes em relação à sexualidade e todas as formas de comportamento humano transcendem as fronteiras físicas e culturais. As normas culturais e estilos de vida vão penetrar outras culturas com uma facilidade nunca ocorrida na história humana. Tudo será visto em escala macro, tornando difícil para culturas locais (micro) se articularem (cf. UNESCO, 1994). Os antropólogos africanos enfrentam o desafio de monitorar e avaliar a invasão da África pela globalização, entendida como um fenômeno assimétrico e desigual. A antropologia da África deveria estudar no futuro a repercussão que a globalização provavelmente vai produzir e reproduzir nos próximos anos.

O fim do imperialismo em África no início da década de 1960 foi marcado pelas teorias da modernização e levou à emergência das teorias neomarxistas das trocas desiguais e da dependência na década de 1970. Na década de 1980, muitos estudantes africanos da cultura aderiram ao movimento do marxismo porque a antropologia estava sob intensa crítica por ter sido utilizada durante a dominação imperial no continente. Da década de 1960 até os anos 80, a maioria dos nossos colegas atuava no “subterrâneo”, em departamentos de ciências sociais, autodenominando-se sociólogos ou analistas de ciências sociais para serem aceitos em um mundo acadêmico hostil à disciplina. A antropologia, como serva do colonialismo, expôs-se ao hipercriticismo dos filósofos sociais, dos cientistas políticos e dos nacionalistas africanos. Ser um antropólogo marxista nos anos 1970 e 1980 era ganhar maior legitimidade, visibilidade e aceitação. O marxismo oferecia uma luta social e política radical contra o imperialismo, o grande inimigo dos movimentos nacionalistas africanos.

O discurso do desenvolvimento da década de 1990, focado na boa governança, na capacitação institucional e na equidade de gênero, reconheceu o fracasso das teorias da modernização, que enfatizavam o crescimento econômico e a modernidade e definiam o desenvolvimento como crescimento econômico, sofisticação tecnológica, urbanização, altos níveis de consumo e mais um amplo espectro de mudanças sociais e culturais. A crise da década de 1980 e a necessidade de reestruturar as economias africanas dominaram a agenda do

desenvolvimento dos anos 90. A busca de modelos e paradigmas alternativos ao desenvolvimento abriu uma janela de oportunidades para a antropologia, fazendo com que os antropólogos fossem cada vez mais empregados como consultores por governos e agências de desenvolvimento. Mas a antropologia aplicada, devemos lembrar, tem seus perigos. Podemos usá-la bem ou mal. A sobrevivência da disciplina vai depender de como lidamos com as demandas de um mundo em rápida transformação, de como nos adaptamos às mudanças dentro da própria disciplina e do quão criativamente ela conseguirá trabalhar com outras disciplinas.

A maioria dos antropólogos africanos está engajada na antropologia aplicada. Na América do Norte e na maior parte da Europa, a antropologia aplicada não é considerada antropologia. Segundo essa visão, a antropologia é essencialmente teórica e acadêmica, uma disciplina que produz generalizações sobre a humanidade e os comportamentos humanos. Entretanto, por razões históricas, a maioria dos antropólogos africanos concentram suas energias e recursos em trabalhos aplicados que lidam com problemas quotidianos enfrentados por comunidades locais. Eles veem a antropologia teórica e a antropologia aplicada como complementares. Além disso, os imperativos do desenvolvimento e as dificuldades de obter financiamento para pesquisa são de tal ordem que os antropólogos africanos não podem se dar ao luxo de realizar apenas pesquisa pura e fundamental. Sem desconsiderar que a pesquisa básica é importante, há uma forte crença de que os dados das pesquisas aplicadas podem ser usados para a produção de teoria. Os artigos desse volume³ mostram por que e como a antropologia aplicada é uma escolha incontornável para os antropólogos africanos que trabalham em África.

Estes anais da 9ª Conferência da Associação Antropológica Pan Africana abordam a maioria das questões aplicadas, incluindo HIV/AIDS, meio ambiente, etnicidade e conflitos étnicos, altas taxas de fertilidade, família africana, gênero e desenvolvimento. Esses são problemas que os povos africanos enfrentam diariamente, e aos quais a antropologia não pode se permitir ficar indiferente. O sentimento é de que não podemos virar as costas para as pessoas que nos fornecem os dados e as informações que ajudam a construir nossas carreiras. Os esforços do desenvolvimento são projetados para satisfazer as necessidades

3 Refere-se ao livro *The Anthropology of Africa. Challenges for the 21st Century* [A antropologia da África: Desafios para o séc. XXI], Bamenda: Langaa Research & Publishing Common Initiative Group, 2015, do qual o autor do artigo foi o editor (N do T).

básicas das pessoas, por isso temos que ser parte dessa luta. Como a antropologia pode participar dessa luta diária de forma criativa e inovadora? Este é o desafio. Como as pessoas podem ser melhor alimentadas, educadas, ter moradias dignas e mais saúde? Além disso, o fosso entre ricos e pobres está crescendo cada vez mais e a questão da pobreza vem assumindo uma posição central. Esse é outro desafio.

Nos últimos anos, os debates sobre o ensino e a prática da antropologia focaram na profissionalização. A esse respeito, muitos acham que os antropólogos deveriam afirmar sua identidade profissional, comprometer-se com a criação de empregos que minimizem as armadilhas da dependência, e desenvolverem habilidades metodológicas e de outros tipos de competências que os habilitem a venderem-se melhor no mercado de trabalho. O treinamento teórico e profissional de estudantes na prática da interdisciplinaridade é considerado crítico para os antropólogos do século 21. Essa reflexão se coloca tendo em vista o estado das universidades africanas. Uma análise situacional destaca três conceitos que podem ser aplicados a três categorias de antropólogos africanos: fuga de cérebros, circulação de cérebros e hemorragia de cérebros.

Nas décadas de 1970 e 1980, muitos antropólogos africanos foram embora em busca de pastagens mais verdes no Norte e continuaram a explorar as oportunidades de publicar e de visibilizar a antropologia da África. Essa fuga de cérebros encontrou um ambiente propício nas universidades do Norte, e hoje a maioria dos que partiram faz parte da antropologia dominante lá. Figuras como Maxwell Owusu estão entre os que melhor representam versões posteriores dos Busia⁴. A segunda categoria de antropólogos africanos são os que permaneceram em universidades e instituições com poucos recursos financeiros, esperando que sua situação melhorasse. Em vez de ir para o Norte, encontraram nichos profissionais no continente que permitiram que usassem seus cérebros para o desenvolvimento da disciplina. Os Archie Mafeje, Kwesi Prah, Memel Fote e vários outros pertencem a essa categoria. Eles circularam e ainda circulam entre um centro e outro compartilhando seus conhecimentos e experiências com os menos afortunados. Diante dos escassos recursos financeiros e das possibilidades abertas por atividades de consultoria, esses cérebros-circulantes sobreviveram

4 Kofi Busia, Primeiro Ministro de Gana entre 1969 e 1972, teve formação em antropologia nas Universidades de Londres e de Oxford, tendo publicado uma monografia sobre os Ashanti em 1951. Ficou conhecido, da mesma forma que outras lideranças nacionalistas africanas, pelos usos da antropologia para contestar a autoridade colonial (N do T).

e mantiveram a disciplina viva sem deixar o continente. O conceito de circulação de cérebros implica reconhecer que a África é a base.

Por outro lado, muitos de nossos colegas sofreram com a hemorragia de cérebros, abandonando completamente o trabalho acadêmico e profissional e buscando consolo e meios radicais de sobrevivência além dos muros da academia. Eles executam qualquer função ou atividade para sobreviver, exceto praticar antropologia. Alguns foram para o setor informal onde podem ganhar dinheiro e onde o “publique ou morra” está fora de questão. O principal desafio do futuro é saber como se manter à tona em um mundo que continua competitivo, tecnologicamente orientado e profissionalmente desafiador. A aquisição de habilidades essenciais deveria começar mais cedo. Os programas de treinamento em nossas universidades deveriam abordar o problema enfrentado por todos os estudantes recém-formados: encontrar emprego. O diálogo entre formação acadêmica e habilidades aplicadas deve continuar, com ambas se influenciando mutuamente. Os estudantes devem ser expostos constantemente aos desafios do futuro mercado de trabalho e a formação deve ser projetada para abordar esses desafios. Os antropólogos e o conhecimento antropológico vão continuar a ser úteis na formulação e implementação de projetos. O crescente envolvimento de antropólogos nessas atividades deve se tornar mais crítico e alimentar os programas de ensino das universidades africanas. A antropologia não pode ficar na torre de marfim fingindo ser teórica enquanto nossas fontes primárias, o povo, apodrece sob o intenso impacto da pobreza. A antropologia da África deverá permanecer por longo tempo essencialmente aplicada se quiser enfrentar os desafios do século 21.

Referências bibliográficas

GARDENER, Katy; LEWIS David. **Anthropology, Development and Post-Modern Challenge**. London: Pluto Press, 1996.

NKWI, Paul Nchoji, Requiem for a Culture; Western Media Invasion of African Cultures, in In: Enrique Rodriguez Larreta (Ed.). **Media and Social Perception**. Rio de Janeiro, UNESCO-ISSC-EDUCAM, 1999.

UNESCO. **Our Creative Diversity, Report of the World Commission on Culture and Development**. Paris UNESCO Publishing, 1994.